

Um mosaico de relações – o *Pagus* e as múltiplas leituras para o estudo da paisagem

Roberto Verдум

Daniele Caron

Letícia Castilhos Coelho

Marina Cañas Martins

Lucas Panitz

Maurício Pimentel

Geovane Aparecida Puntel

Mário Rangel

João Paulo Schwerz

Luis Aberto Pires da Silva

Juliane da Soller

Lucimar de Fátima dos Santos Vieira

Introdução

O *Pagus – Laboratório da Paisagem*, localizado no Departamento de Geografia/Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nasceu com o objetivo de desenvolver estudos nas diversas perspectivas que a *paisagem* proporciona para a construção de leituras, conceitos, metodologias de análise e intervenções no espaço geográfico. Com o objetivo principal de gerar estudos e trabalhos técnicos que busquem conceber a paisagem numa perspectiva de entrelaçamento de olhares interdisciplinares,

o grupo é constituído por profissionais da área da geografia, biologia, turismo, arquitetura, educação, artes, urbanismo e planejamento.

Neste capítulo, apresenta-se como um mosaico das diversas abordagens de *paisagem* dentro do *Pagus*, nos estudos de percepção, planejamento e gestão, avaliação de impactos, projetos de intervenção, sensibilização paisagística, entre outros.

A perspectiva do *Pagus* é a do entendimento da paisagem como um sistema aberto, como um conceito complexo ao qual estão relacionados aspectos da natureza, sociais, econômicos e culturais em constante interação e transformação. Essa pluralidade de conceitos é sistematizada na primeira parte do artigo. Em seguida, partimos para a apresentação de algumas metodologias desenvolvidas no âmbito do laboratório, trazendo autores de referência e propondo alguns questionamentos.

Pagus e a dupla perspectiva da paisagem

Os pesquisadores do *Pagus* têm desenvolvido suas investigações levando em consideração duas perspectivas da paisagem: a **paisagem** enquanto algo **concreto**, e a **paisagem** enquanto um **fenômeno**, refletido em representações sociais. Raras são as pesquisas que optam por apenas um desses entendimentos, por isso não os separamos com intuito classificatório, mas sim com o objetivo de abrir os conceitos para melhor compreendê-los.

A **paisagem concreta** é entendida como o resultado das marcas que a sociedade humana imprime na superfície terrestre ao longo do tempo. Essas marcas se traduzem em formas, linhas, cores e texturas, condicionadas por fatores geológicos, geomorfológicos, ecológicos e climáticos em constante transformação por dinâmicas físicas, sociais, econômicas e culturais.

Essa abordagem destaca duas importantes variáveis que influenciam na constituição da paisagem: o tempo e a materialidade. As formas, funções e estruturas da paisagem são constantemente modificadas. Ao estudá-la num determinado momento, a consideramos como expressão das heranças da ação do homem sobre a natureza até aquele período, uma sucessão de relações, um resultado histórico acumulado, mas levando em consideração sua dinâmica constante e suas infinitas possibilidades de transformação.

A materialidade da paisagem aparece nos embasamentos das pesquisas do *Pagus* nas ideias de paisagem enquanto soma, resultado, síntese, totalidade, composição, acumulação. Essa perspectiva é importante para a compreensão e localização dos diferentes elementos que compõem a paisagem, como vegetação, fauna, solos, litologia, ocupação e uso da terra, e suas inter-relações. O entendimento de que a paisagem possui limites definidos, ou que é composta por unidades identificáveis, é um caminho metodológico admissível, dada a grandeza do conceito de paisagem, a complexa tarefa de lê-la, e a necessidade de torná-la operativa em estratégias de

diagnóstico, planejamento e gestão do território.

A segunda abordagem de nossos estudos considera a **paisagem enquanto fenômeno**. Cada pessoa, de acordo com a sua trajetória, consciência e experiência, vê as paisagens de forma diferente e única e nela se insere de determinada forma. Cada um constrói seus conceitos que refletirão em suas ações e seus olhares. Por sua vez, esses olhares e essas ações são concebidos a partir de uma matriz cultural que é do coletivo de uma determinada sociedade humana. O aspecto fenomenológico da paisagem reside, então, nos diferentes – e infinitos – modos do sujeito olhar, interpretar e transformar o território. Dito de outra forma, compreende-se que essa leitura da paisagem é uma construção contínua, social e ao mesmo tempo particular, onde se sobrepõem a identidade, os conhecimentos, a memória e os sentimentos de cada pessoa, associados ao processo cultural que remete à organização coletiva em que estamos inseridos, com toda sua carga simbólica.

A abordagem fenomenológica significa constantes desafios para os estudos da paisagem: compreendê-la enquanto imaginação e enquanto representação social. Enquanto imaginação, a paisagem se constrói visualmente, mas não necessariamente se atende a um processo ótico. A transformação da paisagem em imagem se dá em processos de representação social, que podem ser expressos em narrativas, na literatura, na música, na fotografia, na pintura, no cinema e em tantas outras formas. As ações de perceber e representar a paisagem passam por valores estéticos, plásticos e emocionais em relação ao meio. E interpretar essas imagens e representações pressupõe a compreensão de uma determinada matriz cultural.

A abordagem fenomenológica também está intrinsecamente relacionada com o conceito de tempo, de modo que não há nada fixo, estático ou imutável. O caráter dinâmico e mutante da paisagem em relação à imprevisibilidade da própria natureza e, principalmente, das concepções de uma sociedade, a caracterizam como um meio volátil, difícil de manipular e em constante transformação. A partir dessa noção de tempo condensado, chegamos novamente ao tema da memória.

A memória é um dos agentes que determina a crescente complexidade da paisagem, uma vez que se acumula em estratos ao longo do tempo. Nas pedras, nas dobras e no simples caminhar do viajante se deposita uma infinidade de histórias, que, por um lado, compõe a paisagem, tal como se apresenta fisicamente, e, por outro, gera uma diversidade causada por essa multiplicidade de leituras. Essa superposição ocorre em diferentes medidas e pode crescer em lugares onde a paisagem se construa a partir de dicotomias ou dualidades como o *urbano x rural*, o *natural x social*, o *passado x presente*.

Importante salientar que as pesquisas que adotam a abordagem fenomenológica iluminam o constante movimento de uma sociedade que molda a paisagem ao mesmo tempo em que é moldada por ela. Sugerimos que é na relação complexa de

retroalimentar a modificação do objeto e do objeto modificando o sujeito, que a paisagem como um todo nos é dada a conhecer.

Apresentadas as duas abordagens, arriscamo-nos a constatar que a distância e a separação entre o entendimento da paisagem enquanto matéria e enquanto fenômeno, já não encontra espaço na atualidade, por ser justamente na relação entre a forma e seu valor imaterial que reside o avanço dessa aproximação conceitual.

O *Pagus*, por ser constituído por pesquisadores de formações em campos de conhecimento que valorizam igualmente a forma e o conteúdo, tende a trabalhar com métodos que cruzam ambas as abordagens, conforme será apresentado no item a seguir.

O mosaico multidisciplinar na aplicação das metodologias de pesquisa em paisagem do *Pagus*

Selecionamos algumas pesquisas desenvolvidas ou em desenvolvimento no âmbito do *Pagus* (dissertações, teses e trabalhos técnicos) para colocar em pauta possíveis metodologias de análise e discussão de paisagem. É importante destacar este trabalho como um primeiro passo do *Pagus* em identificar as sobreposições, conexões e tensões entre as metodologias utilizadas nas investigações, a fim de aproximar-se desse mosaico de relações intencionado pelo grupo de pesquisa.

Nas pesquisas para *Diagnósticos Socioeconômicos e Ambientais e Planos de Manejo em Unidades de Conservação no Estado do Rio Grande do Sul*, a partir de uma solicitação de “caracterização da paisagem”, são utilizados os critérios de forma, função, estrutura e dinâmica, como também um conjunto de técnicas e bases de informações, como os estudos realizados sobre determinados elementos que caracterizam as paisagens (vegetação, solos, litologia e ocupação/uso da terra), os produtos do sensoriamento remoto, as observações e os registros de campo, assim como questionários aplicados à população situada na área de estudo (BERINGUIER; BERINGUIER, 1991; BERTRAND, 2007).

Nesses estudos, se adotada a sistemática de definição de Unidades de Paisagem (UP's), a partir de dois níveis hierárquicos: o *primeiro nível hierárquico* leva em consideração as características que são atribuídas às UP's como de interesse para a sua conservação, sendo que essas são apresentadas, essencialmente, em função dos fatores do meio (geológicos, geomorfológicos, hidrológicos, pedológicos e cobertura vegetal); o *segundo nível hierárquico* de diferenciação das UP's leva em consideração as diferentes estruturas e funções que caracterizam as intervenções e as transformações na paisagem produzidas socialmente (sistemas de produção agrícola nos espaços rurais).

A pesquisa dos *Impactos na Paisagem pela Introdução dos Aerogeradores para a geração de Energia no Estado do Rio Grande do Sul* utiliza os critérios forma, função, estrutura e dinâmica, no entanto, aprofunda a investigação buscando estabelecer os indicadores de percepção da paisagem, por meio do reconhecimento dos elementos que a estruturam e do entendimento da relação desses com novos elementos que são a ela integrados ou extraídos, na escala espacial e temporal; sobretudo nas paisagens de referência (identidades) para os indivíduos e a coletividade (BERQUE, 1998; BERQUE 2008). Para a avaliação sensorial dos entrevistados em relação a esses novos elementos que se incorporam na paisagem, foram considerados como potenciais entrevistados, tanto aqueles que são residentes, quanto os ocasionais, no meio rural e urbano.

Assim, para se estabelecer os índices de qualificação das paisagens pelos entrevistados e dos indicadores visuais, propõem-se as seguintes etapas metodológicas: a) analisar a paisagem pela sua globalidade ou pela sua decomposição em unidades, que são definidas por limites naturais (elementos como planície, coxilha, cerro, serra – vale, encosta, topo, floresta, banhado...). Neste sentido, pode-se propor que o entrevistado avalie globalmente o conjunto da paisagem (primeira impressão) e/ou de seus elementos constituintes (modulações da percepção inicial - atratividade), a partir das experiências vividas por ele, numa escala que varia de um a cinco. O menor e o maior valor nesta escala correspondem às paisagens identificadas pelos entrevistados tendo, respectivamente, menor ou maior importância para eles; b) conhecer entre esses elementos da paisagem, aqueles que são marcantes, de referências e valorizados, que realmente determinam a reação estética do entrevistado.

Esse método permite elaborar a expressão cartográfica das representações mentais da paisagem, percebida pelos entrevistados nos locais, onde ocorreu a aplicação do instrumento de análise, onde constam os elementos da paisagem passíveis de incorporação dos aerogeradores e aqueles considerados como de referência e que devem ser preservados de tais incorporações.

A pesquisa sobre *A Percepção Sobre a Água na Paisagem Urbana: Bacia Hidrográfica da Barragem Mãe D'água – Região Metropolitana de Porto Alegre no Estado do Rio Grande do Sul* tem como principal objetivo saber qual a percepção que os moradores, trabalhadores locais, usuários e gestores públicos têm da água inserida na paisagem em uma bacia hidrográfica urbana. A área de estudo é a bacia de captação da Barragem Mãe d'Água, localizada na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), na divisa dos municípios de Porto Alegre e Viamão, no Estado do Rio Grande do Sul. O estudo também tenta determinar se essas pessoas, através de sua percepção, têm consciência de que a água que chega às torneiras de suas casas, que é utilizada para seus diversos usos, deriva daquelas águas que passam pelos

cursos d'água onde moram.

Para atingir esse objetivo, parte-se da hipótese de que o grau de percepção da população relacionado às questões ambientais, a paisagem e a água inserida na paisagem, o ciclo hidrológico, são influenciadas pela cultura, pelas condições socioeconômicas e pelo grau de instrução dessas pessoas.

A pesquisa baseia-se em dados do Índice de Qualidade das Águas (IQA) obtidos em três épocas distintas (1990/91, 2002 e 2007), em que foram feitas coletas para a determinação da qualidade de água em três pontos dessa bacia hidrográfica. É realizado, paralelamente, um estudo sobre o processo de urbanização na área de estudo, através de imagens de Sensoriamento Remoto e levantamento fotográfico dos pontos de amostragem, das habitações e da infraestrutura oferecida aos moradores, dando-se ênfase às condições ambientais, principalmente dos cursos d'água.

Para o entendimento e a determinação do grau da percepção da paisagem urbana e, principalmente, da água na paisagem pelas pessoas que vivem nessa bacia hidrográfica, é aplicado um questionário elaborado a partir do conceito descrito pelas Ciências Sociais como entrevista semiestruturada. De posse desse universo de dados e do seu processamento e análise, é testada a hipótese formulada nesse estudo em que, a cultura, as condições socioeconômicas e o grau de instrução têm influência na percepção das pessoas, interferindo ou atenuando o olhar crítico quanto aos problemas ambientais, principalmente aos relacionados com a percepção da água na paisagem. Os resultados desse estudo estão espacializados em mapas temáticos, em que são incluídas as paisagens preferidas e aquelas que desagradam. Também são propostas intervenções, a partir da percepção dos entrevistados, que tenham o objetivo de qualificar o espaço urbano e a paisagem, principalmente aquelas em que a água está presente.

A pesquisa que trata da ***Alteração da Paisagem pela Silvicultura de Eucalipto no Município de São Francisco de Assis***, no Estado do Rio Grande do Sul, estuda a paisagem como um ponto de acumulação de resultados das atividades econômicas, assim como da percepção da ruptura de uma paisagem dada e entendida como de referência a uma determinada área, e tenta compreender quais foram as alterações na paisagem derivadas dos investimentos das grandes empresas de celulose que fizeram grandes plantações de maciços arbóreos de eucalipto no Pampa gaúcho.

A metodologia passa pela leitura de narrativas, pela análise bibliográfica e pela elaboração de instrumento de pesquisa para entrevistar habitantes do município, no sentido de tentar verificar quais os impactos mais percebidos no meio. O instrumento de pesquisa desenvolvido para esse fim questiona e busca aspectos da paisagem que envolvam a cristalização desta (aspectos visuais e concretos, atuais e passados), assim como seu simbolismo e significado (parte mais abstrata e subjetiva).

A pesquisa *Interpretação da Paisagem Através da Lógica Interpretativa* investiga a paisagem como categoria de análise operativa na área do planejamento urbanístico e territorial, compreendendo-a numa interação entre o sujeito (em seu modo de olhar e transformar) e o território, utilizando-se do método fenomenológico. Por tratar-se de um conceito tão amplo e múltiplo como a paisagem, esta investigação situa-se num campo teórico diverso, absorvendo definições e debates conceituais e metodológicos da área da geografia, urbanismo, filosofia, antropologia e literatura. Alguns autores foram, até o momento, de fundamental importância para o desenvolvimento dessa concepção fenomenológica da paisagem: os geógrafos Augustin Berque e Claude Raffestin, os urbanistas Sébastien Marot e Bernardo Secchi, o filósofo e antropólogo Paul Ricoeur, o sociólogo e filósofo Maurice Halbwachs e alguns escritores e críticos literários como Milan Kundera, Claudio Magris e Alessandro Baricco.

A partir desse interesse na superposição entre âmbitos territoriais diferenciados e híbridos – urbano/periférico/ rural – a metodologia de pesquisa busca interpretar as narrativas da paisagem, como modo de acolher essa diversidade, decodificando os elementos e processos-chave que condicionam e ativam o projeto de cidade e território. Nesse sentido, foram realizadas duas experiências de campo utilizando-se um “percurso” que atravessa uma sequência de lugares diferentes entre si em termos sociais, culturais, urbanos e, muitas vezes, econômicos, compondo uma paisagem de diferentes territorialidades.

A primeira experiência metodológica se desenvolve em território catalão, através do percurso da antiga linha férrea da região que atravessa a interface entre a zona urbana e rural da cidade de Olot, capital da zona vulcânica de maior expoente da península ibérica. Nessa ocasião, utiliza-se o discurso literário local sobre a paisagem, como modo de aproximar-se a essas peculiaridades do fenômeno nesse território ao longo do tempo.

A segunda experiência foi realizada em território brasileiro, na cidade de Paraty, Rio de Janeiro. A metodologia se constrói a partir da definição de um fio condutor da narrativa – neste caso, o Rio Perequê-Açú, que define diferentes territorialidades no trânsito entre espaço rural e urbano de Paraty – através do qual os narradores possam articular suas experiências e memórias sobre a paisagem. Em seguida, se constrói uma análise preliminar da paisagem, reunindo percepções e reconhecimentos *in loco* a fim de sobrepor registros gráficos, fotográficos e textuais à cartografia histórica e atual. A etapa seguinte se refere à análise da narrativa etnográfica da paisagem, capturada na forma essencial da experiência narrada por contadores de história local, e conduzida através de três encontros com cada narrador, onde o Rio Perequê-Açú atua como ponto de partida para a entrevista narrativa episódica. A partir da revelação do conteúdo semântico das narrativas, se procede com a identificação dos valores da

paisagem, utilizando quatro categorias de análise: forma, função, estrutura e dinâmica; e construindo cartografias temáticas. O aporte metodológico, oportunamente gerado a partir da superposição entre os dados obtidos na interpretação prévia da paisagem, a matéria-prima da experiência vivida decodificada e as cartografias da planificação urbana atual do local, poderão ilustrar a necessidade de um novo olhar sobre a interface urbano-rural, destacando o uso mediador dos valores da paisagem para o planejamento territorial.

A pesquisa *Revelação da Paisagem através da fotografia: construção e aplicação de um método: Porto Alegre vista do Guaíba* surge do anseio de compreender o fenômeno urbano na contemporaneidade a partir de um prisma voltado para as dimensões culturais e simbólicas. Buscando lançar um olhar que atravesse e alcance as variadas construções e manifestações da cultura e do cotidiano, ao pensar que múltiplas camadas espaço-temporais se superpõem na paisagem, nas quais estão acomodadas de forma híbrida as diversas expressões relativas à interação sociedade-natureza, acredita-se ser possível perseguir os rastros que conduzirão ao entendimento da cidade como fenômeno em constante transformação. Para acessar os vestígios do passado, e realizar um percurso no tempo, adota-se a imagem fotográfica como fonte para a investigação.

Nesse encontro da paisagem e da fotografia, enquanto fenômenos visíveis, sob a inspiração e referência filosófica, o princípio da montagem de Benjamin articulado aos fundamentos de conceituação e interpretação da paisagem trabalhados, principalmente, no campo da geografia e da história em suas abordagens culturais, estabelecendo-se, assim, um diálogo com autores como Georg Simmel, Augustin Berque, Denis Cosgrove, Paul Claval, Michael Jakob, Alain Corbain, David Lowenthal, Paul Ricouer, Gaston Bachelard, entre outros. Como estudo de caso, utilizam-se fotografias de Porto Alegre vista do Guaíba em diferentes períodos, considerados emblemáticos em relação às transformações urbanas. Ao acessar as fotografias enquanto vestígios deixados como uma experiência sensível do mundo, a paisagem se revela, permitindo a apreensão de seus significados.

A pesquisa da *Imagem da Paisagem do Sul da América do Sul* parte da ideia de paisagem enquanto imagem de um território e busca entender que paisagem do sul da América do Sul é configurada através de imagens de produções cinematográficas argentinas, brasileiras e uruguaias.

Ancorando-se nas teorias de Raffestin (2005) e Cosgrove (1989), entre outros autores, entende-se que a paisagem é uma construção social formada a partir de vivências diretas, dos cinco sentidos em contato com determinado espaço geográfico, mas que também pode ser construída por meio da experiência indireta, por meio do contato do indivíduo com essa paisagem através de diferentes meios,

seja a literatura, a música, a fotografia, a pintura ou o cinema. Sendo assim, entende-se a paisagem não como matéria, mas sim como uma imagem dessa matéria, seja no plano artístico ou no científico.

Compreendendo que a paisagem encontra sua afirmação como imagem, pressupõe-se que é possível investigar a constituição da paisagem por meio da análise do discurso da imagem, mais especificamente, no caso desta pesquisa, através do discurso audiovisual. E, para a seleção dos filmes analisados nesta pesquisa, são seguidos alguns critérios, como o reconhecimento da obra em instâncias culturais e/ou econômicas, e certo grau de independência das imagens de paisagem em relação à narrativa do filme. Após a seleção, é feita uma análise das paisagens de cada obra, dentro das categorias propostas por Pisón (2006): estrutura, forma, função/relação externa, elementos, evolução/dinâmica, unidades e conteúdos.

A pesquisa *Paisagem Pampeana como Matriz Geradora de Representações da Cultura Platina* considera a criação artística como espaço de trocas culturais intensas. A abordagem baseia-se no binômio “material” e “ideal” do antropólogo Godelier (1984) e nas leituras de Lussault (2007), Méo e Buleón (2007) e Besse (2006). A paisagem constitui-se, então, numa categoria importante para a apreensão dos imaginários regionais e dos significados atribuídos ao espaço.

Em termos empíricos, reflete-se sobre a articulação da paisagem com as representações da regionalidade e da transfronteiricidade entre Argentina, Brasil e Uruguai, através de uma rede de compositores das referidas nacionalidades. Parte-se da análise da construção da ideia de uma música territorializada sobre uma paisagem (notadamente o Pampa), enredada igualmente nas representações da cultura regional. As considerações sobre o papel das políticas culturais de integração regional na região platina, que reforçam os laços inter-identitários entre os países, na qual também a paisagem constitui-se num importante ponto de apoio das representações. Também se observa como as narrativas e as sonoridades são articuladas dentro das próprias músicas e canções, trazendo os elementos da paisagem pampeana e da identidade transfronteiriça à qual se refere. Os produtos culturais e suas representações, nesse sentido, possuem um importante papel na construção dos significados das paisagens, que dialogam diretamente com a região que as contém.

A pesquisa *Lugar do Turista na Leitura da Paisagem Geográfica e sua Relação com o Ensino da Geografia* residiu na investigação das relações entre o ensino de geografia e o turismo, com o foco da pesquisa direcionado para os conceitos geográficos e as representações sociais contidas na leitura da paisagem e na construção do lugar. A reflexão teórica foi sustentada pelos conceitos da geografia cultural, do saber-fazer do turismo, do ensino de geografia, da teoria das representações sociais, da paisagem e

de lugar. Com o método do Paradigma da Complexidade, pesquisam-se as dinâmicas do espaço estudado, ambientado no município litorâneo de Garopaba, Estado de Santa Catarina. A metodologia utilizada foi composta de pesquisa qualitativa, na qual se trabalha, sobretudo, a partir de narrativas das entrevistas episódicas que revelam as leituras da paisagem pelos sujeitos entrevistados e as possibilidades para os sujeitos se *lugarizarem*. Analisam-se também fontes documentais referentes à mídia turística e à constituição do espaço local, bem como observações de campo. A noção de construção do lugar é tecida à paisagem, com base em que se pode ler e compreender os processos da paisagem, pode-se tecer laços com o lugar, e se nos “lugarizamos”, passamos a cuidar do ambiente.

A importância do ensino de geografia proporciona a contestação no sentido de uma transgressão das formas já agendadas, possibilitando lermos o mundo com reflexão, criatividade e autonomia, fomentando a (auto)descoberta, as compreensões mútuas e a valorização das identidades que se encontram no turismo. A dialógica transversal que abre espaço para relacionar a geografia e o turismo, parece ser uma possibilidade cognitiva de curiosidade em descobrir a paisagem, de nos relacionar com o lugar, indo além de sua aparência, que pode levar a repensar as racionalidades hegemônicas, tanto quanto as nossas responsabilidades para com o mundo. Em trilhas turísticas interpretativas, o trabalho se dá em sentido inverso, parte-se do que nosso olhar descobre no ambiente, para levarmos aos visitantes, com recursos didáticos que visam aproximar as pessoas do ambiente, buscando que as nossas relações sejam repensadas e mais integradas ao desenvolvimento pleno da vida.

A pesquisa denominada *Cataratas do Iguaçu: Experiências e Registros de uma Paisagem Turística* possui como pontos de partilha o Paradigma da Complexidade e a Geografia Cultural. Com o objetivo de analisar os significados que os sujeitos atribuem à experiência geográfica das Cataratas do Iguaçu desde sua intencionalidade turística, recorreu-se aos princípios da Complexidade: dialógica, recursividade e hologramática. Os procedimentos investigativos basearam-se no instrumental da pesquisa qualitativa e a revisão bibliográfica nas categorias: Espaço Geográfico, Turismo, Paisagem e Geograficidade. Os espaços visitados são um palco, onde se desenvolve uma trama ou uma sequência de ações que irá compor a narrativa de viagem. Em um movimento em que o estar imbricado naquele conjunto atribui aos próprios sujeitos determinadas significações associadas à paisagem visitada. As representações paisagísticas feitas pelos visitantes permitem prolongar e recordar sua experiência turística, mas também inscrevem significados no espaço visitado e na identidade pessoal do sujeito turista.

Tendo como preceito a compreensão da paisagem enquanto representação de um conjunto de relações espaciais, percebe-se a existência de um processo ativo

de composição e ordenamento de elementos com diversas denotações simbólicas, de cujo arranjo emerge uma identidade autônoma. Com essa predefinição, podemos traçar alguns caminhos metodológicos para o estudo desse processo em determinada paisagem.

Primeiramente, é possível, por meio da literatura turística (guias de viagem, relatos, *blogs*, fotografias, cartões-postais), delimitar quais elementos formam as matrizes de apreciação de determinada paisagem (BERQUE, 1998) e quais os atributos/simbolismos lhe conferem identidade, bem como as inovações sobre os modos de a perceber que ocorreram ao longo tempo.

Em um segundo estágio, a partir de entrevistas semiestruturadas (FLICK, 2009) com os visitantes sobre suas experiências e impressões do sítio visitado, é possível compreender a mediação paisagística dos sujeitos e o modo como estruturam suas representações sobre a vivência daquilo que motivou seu deslocamento.

A análise dessas entrevistas é feita a partir das técnicas de rotulação e categorização da Teoria Fundamentada propostas por Corbin e Strauss (2008): codificação aberta, axial e seletiva. Ao realizar-se a análise dos depoimentos, concomitante ao período de entrevistas, é interessante que na interação com os próximos informantes busque-se, através da contraposição de possibilidades de leituras diferente daquela que estão fazendo, um retorno sobre as categorias que estão emergindo na pesquisa, havendo assim uma oportunidade para melhor refiná-las.

A pesquisa ***Paisagem como Possibilidade de Leitura do Espaço Geográfico e na Contribuição à Alfabetização*** permite um olhar que contempla o social, o natural, o histórico, o cultural, entre outros elementos que se relacionam entre si. A paisagem tem uma proximidade com o lugar, e é a partir do lugar que se começa a ter uma maior compreensão da complexidade do espaço geográfico. Concordando com Beringuier e Beringuier (1991), estudar a paisagem é fundamental, pois possibilita uma maneira de olhar, de compreender, de conhecer, de amar o lugar e de agir sobre ele mesmo. Nesse sentido, Cavalcanti (2004, p. 101) também argumenta que “caberia ao ensino trazer a ‘paisagem’ para o universo do aluno, para o lugar vivido por ele, o que quer dizer trazer a paisagem conceitualmente como um instrumento que o ajude a compreender o mundo em que vive”. A partir desse entendimento, que é uma parte de um todo maior e que representa características desse todo, o educando pode se interessar e atribuir sentido ao estudo do espaço geográfico, percebendo-se como um agente participante, um sujeito vivo em um espaço, onde tudo está interligado e inter-relacionado.

A compreensão do espaço geográfico pode se dar de diferentes formas, usando diferentes categorias ou conceitos-chave da Geografia, porém o mais importante é buscar um processo ensino/aprendizagem preocupado em ajudar a formar pessoas

mais comprometidas e com raciocínios e conhecimentos claros a respeito do espaço que ocupam. Deve-se possibilitar aos educandos a prática de pensar sobre os fatos e acontecimentos mediante várias explicações. Se conseguirem pensar o espaço de forma mais abrangente e ativa, com certeza, a sua participação na comunidade em que vivem será mais efetiva e sua atuação será mais consciente.

Em uma visita à Usina de Triagem de Lixo de Santa Cruz do Sul, localizada no Bairro Dona Carlota, observou-se uma paisagem não muito comum aos olhos de meninos e meninas de 11 anos, estudantes de uma escola privada. Durante essa vivência, buscou-se trabalhar o olhar atento, a sensação daquele espaço, a sensibilização e o entendimento de que somos corresponsáveis por essa paisagem. Para isso, a metodologia aplicada nessa atividade compreendeu a preparação dos alunos em sala de aula, possibilitando vivência, observação, investigação, sistematização e sensibilização; tudo isso em busca de mudanças de atitudes e ações propositivas em prol de uma sustentabilidade ambiental, social e econômica. O que se percebe é que os alunos passaram a ver essa paisagem com um valor humano e social, pois a experiência passou a fazer parte de suas vidas, produzindo uma relação de pertencimento com o que viram na Usina. E isso se transforma em compromisso pessoal, pois um dos principais desafios da educação em paisagem é fazer com que os estudantes “desenvolvam a sensibilidade e senso ético da escola e de todos os cidadãos para a paisagem” (BUSQUETS, 2011, p. 75).

A pesquisa sobre *As Narrativas das Percepções e Conectividades de Caminhantes nas Paisagens dos Areais Pampeanos: Perspectivas Ambientais para a Geração de Ambiências* toma conhecimento das representações ambientais de educadores e estudantes visando o engajamento destes em novas leituras das paisagens locais, por meio de atividades de educação ambiental nas comunidades que vivenciam os areais do sudoeste sul-rio-grandense, a fim de ampliar as discussões junto às comunidades vislumbrando a gênese de ambiências, mediadas por imagens que refletem as representações sociais dessas paisagens.

A ambiência de campo envolveu diferentes atores sociais, vinculando-os à paisagem dos areais dos Campos Sulinos. A dialogicidade referenciada no convívio entre os atores estabelecidos no cenário dos areais, com distintas leituras e interpretações, deve considerar as possibilidades de alterações qualitativas no sentido que as “leituras do mundo” podem ser discutidas, recriadas, refeitas, desconstruídas. Essa paisagem deve mediar o olhar e o ver dos sujeitos-intérpretes, traduzindo-se num reservatório de *utopias*: estéticas, políticas, didáticas, intelectuais, constituintes e constituidoras desse recorte do espaço.

Como objetivo, se propõe promover atividades de educação ambiental nas comunidades que vivenciam os areais do sudoeste sul-rio-grandense, a fim de ampliar as discussões junto às comunidades, vislumbrando a gênese de ambiências, mediadas

por imagens que reflitam as representações sociais dessas paisagens. A escolha das professoras é justificada, segundo observações prévias de seus discursos e relatos de ações pedagógicas desenvolvidas no CEFET do Município de São Vicente do Sul/RS, caracterizando uma dinâmica de engajamento de um educador ambiental. As professoras foram convidadas para um diálogo, onde se estabeleceu um debate inicial sobre suas percepções da paisagem regional, como integrantes da comunidade local, assim como o reflexo nas suas práticas pedagógicas. Utilizaram-se, como parâmetro desse diálogo, as visitas já realizadas aos areais, focalizando diferentes escalas dessas paisagens e buscava cercar o meu interesse as representações que esses caminhantes construíam ao vivenciar essas paisagens.

Complementou-se a cena ao fomentar a realização de encontros para debates locais sobre essas paisagens, incentivando a participação da comunidade escolar, a fim de efetivar a apropriação das discussões sobre os destinos de tais paisagens nas previstas apropriações econômico-desenvolvimentistas. As revelações das representações sociais, resultantes das entrevistas e imagens produzidas no cenário dos areais, constituíram os alicerces para novas possibilidades de leitura, tornando viáveis novas práxis nas paisagens dos areais do pampa gaúcho. Foram utilizados recursos de captura de imagens, se servindo de câmeras fotográficas digitais ou representações através de desenhos, músicas, poemas, entre outras manifestações, buscando captar as impressões significativas deixadas por essas paisagens.

A pesquisa sobre *A Beleza Cênica da Paisagem e sua Significância Ambiental* parte da hipótese de que a preservação da beleza cênica de uma paisagem contribui para a preservação, restauração e a conservação do patrimônio natural e cultural, assim como se constitui como uma nova fonte de renda aos produtores rurais, através do pagamento dos serviços ambientais. O método utilizado na pesquisa é o hipotético-dedutivo. As estratégias teóricas, metodológicas e operacionais dividem-se em dois grandes eixos: estratégia teórico-conceitual e estratégia operacional, cada um constituído por um conjunto de pressupostos e procedimentos.

A estratégia teórico-conceitual consiste em uma série de ações, visando ao levantamento de teorias e conceitos da beleza cênica das paisagens no contexto da legislação brasileira, da caracterização dos atributos e da valoração da paisagem e da identificação e da caracterização das paisagens preconcebidas do bioma Pampa de interesse de preservação/conservação e restauração associadas à beleza cênica.

O instrumento metodológico a ser proposto para identificação e caracterização das belezas cênicas terá como base teórica a análise da paisagem nas suas dimensões descritiva, sistêmica e perceptiva. A paisagem descritiva é a definição das suas formas e a enumeração dos seus elementos. A sistêmica é a complexidade da paisagem, é a combinação dos elementos físicos, biológicos e sociais, a interface de todos esses elementos. A paisagem perceptiva é aquela que pode ser descritiva e inventariada,

começa pela descrição, passa pela abstração (mudança de escala e de tempo), é a relação da sociedade com o espaço e com a natureza. A estratégia operacional é produzida a partir do levantamento bibliográfico para a fundamentação teórica e da elaboração do formulário para identificar os critérios a serem adotados na definição das belezas cênicas das paisagens preconcebidas do bioma Pampa do Estado do Rio Grande do Sul, com a aplicação de um formulário a um grupo de pesquisadores e técnicos da área ambiental que pesquisam ou trabalham na área do bioma Pampa, como, por exemplo, geógrafos, biólogos, turismólogos, arqueólogos, paleontólogos etc. Com a indicação das paisagens, elabora-se um mapa com a identificação das belezas cênicas preestabelecidas. As informações contidas no formulário e no mapa servem como critério técnico para a identificação das belezas cênicas das paisagens.

A pesquisa ***Da Paisagem ao Planejamento do Território – Proposta metodológica para a Quarta Colônia de Imigração do Rio Grande do Sul*** se concentra nas possibilidades de adotar a *paisagem* como categoria de análise para avaliação e intervenção no território, buscando novas abordagens nos processos de planejamento territorial.

Uma das vertentes mais aceitas, atualmente, para os estudos de paisagem, provinda do campo da Filosofia, mas largamente utilizada como referências nas diversas Ciências, é aquela que afirma que ‘paisagem’ só existe a partir da mediação cultural. É justamente neste ponto que os conceitos de ‘território’ e ‘paisagem’ coincidem com grande força. Da mesma forma que o território, a concepção contemporânea de paisagem integra as dimensões política, econômica e cultural, inseparáveis neste contexto de análise. Mas, se por um lado, o território aparece definido pelas relações de poder, a dimensão cultural é a condição *sine qua non* para que se configure a paisagem.

Uma diferença fundamental entre os dois conceitos, considerando que nem todas as correntes territoriais assumem a dimensão temporal, é que para a paisagem, a dinâmica é uma constante imprescindível. Este fator, embora torne essa aproximação mais complexa, mostra-se muito apropriada para correlações com aplicações práticas, como para o planejamento territorial.

De fato, a paisagem vem sendo utilizada, mais intensamente nos últimos dez anos, como importante meio de entendimento do território e base para planos de ordenação territorial. Como consequência dos debates propostos e, principalmente, dos resultados que há alguns anos começam a aparecer, muitos países adotam resoluções semelhantes, ainda que pontuais, de estudo da paisagem para o planejamento e gestão do território, entre eles, o Brasil.

A pesquisa citada tem como balizador a metodologia de elaboração dos “Catálogos de Paisagem da Catalunha”, instrumento especialmente concebido para incorporação da paisagem no planejamento territorial da Espanha. No contexto brasileiro, porém, essa aplicação não tem paralelo direto, necessitando, além de uma

reflexão crítica a respeito das suas possibilidades concretas para o planejamento, adaptações que se referem ao marco jurídico-institucional, bem como de escala.

De qualquer forma, embora seja ainda de uso relativamente recente, a paisagem tem se mostrado um caminho possível para concatenar diferentes meios e atores do espaço, distinguindo valores econômicos, estéticos, históricos, simbólicos, ambientais etc., evidenciando com mais clareza os reflexos que estes podem – ou deveriam – ter para o planejamento e a gestão do território.

Conclusão

O uso de paisagem, enquanto categoria de análise do espaço, pode ser considerado recente, sofrendo grande interesse, a partir do início do século XX, nas discussões de geógrafos alemães e franceses distinguidos como *naturalistas*. Duas abordagens foram recorrentes, uma que prioriza a *morfologia* da paisagem (paisagem concreta), estabelecida no início do século XX, e aquela voltada para a *simbologia* da paisagem (paisagem fenômeno), que começa a ganhar destaque no final dos anos 1960.

Atualmente, a distância existente entre o entendimento da paisagem como estudo morfológico e o entendimento da paisagem como estudo simbólico não encontra espaço na atual noção de paisagem, por ser justamente na relação entre a forma e seu valor como símbolo que reside o avanço dessa aproximação conceitual.

Com algumas dissonâncias típicas de um conceito ainda em fase de afirmação, a paisagem acaba por ser adotada em diversos campos do conhecimento, tal qual território: Geografia, Sociologia, Biologia (e Ecologia mais especialmente), Artes, Arquitetura, História, Planejamento, Economia, entre outras.

Ao cruzar as diversas metodologias de pesquisa do *Pagus*, percebemos que, de diferentes modos e medidas, cada investigação busca relacionar a ideia de paisagem concreta e paisagem fenomenológica, ora trazendo a dimensão cultural para uma pesquisa centrada na paisagem material, ora buscando resultados operativos e estratégicos de planejamento territorial em uma pesquisa dedicada às subjetividades da paisagem imaginada.

Fica evidente, a partir da análise das diversas correntes, que as diferentes perspectivas sobre a *paisagem* dependem da posição filosófica adotada pelo pesquisador. Ao mesmo tempo, é importante ter em mente que os conceitos e metodologias, muitas vezes, crescem em complexidade com o passar do tempo, e estão sujeitos à dinâmica que é própria da evolução do pensamento.

Referências

- BACHELARD, G. **A dialética da duração**. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense. (Obras Escolhidas), v.1, 1994.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. Organização da edição brasileira de Willi Bolle. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense. (Obras escolhidas), v. 2, 2000.
- BERINGUIER, C.; BERINGUIER, P. GEODOC, 35. Documents de Recherche de l'UFR Géographie et Aménagement, Université de Toulouse-Le Mirail. In: BERINGUIER, C.; BERINGUIER, P. (Orgs.). **Manières paysagères une méthode d'étude, des pratiques**, Toulouse : Institut Daniel Faucher, 1991. p. 5-25.
- BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 84-91.
- BERQUE, A. **La pensée paysagere**. Paris: Editorial Archibooks, 2008.
- BERTRAND, G. **Uma geografia transversal e de travessias**. In: PASSOS, M. M. (Org.). Maringá: Massoni, 2007.
- BESSE, J-M. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BOLLE, W. **Fisionomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Edusp, 1994.
- BUSQUETS, J. La importància de l'educació em paisatge. In: NOGUÉ, J. *et al.* (Orgs.) **Paisatge i educació**. Olot: Observatori Del Paisatge de Catalunya. Barcelona: Departament d'Ensenyament de la Generalitat de Catalunya. 2011. Plecs de Paisatge; Reflexions; 2
- CARON, D. Los valores del paisaje urbano rural a través de las narrativas locales - Paraty/RJ/ Brazil como caso de estudio. In: 51st World Congress of International Federation of Landscape Architects. Thinking and Action. Heritage Landscape. Buenos Aires, 2014. p. 322 -326.
- CASTROGIOVANNI, A. C. **A geografia do espaço turístico, como construção complexa da comunicação**. 2004. 335 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins. 2007. (Coleção Todas as Artes).
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papiрус, 2004.
- CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- CORBIN, A. **L'homme dans le paysage**. Paris: Textuel, 2001.

- CORBIN, J.; STRAUSS, A. **Basics of qualitative research: Techniques to developing grounded theory**. 3rd Ed. Los Angeles, CA: Sage, 2008.
- COSGROVE, D.; DANIELS, S. **The iconography of landscape: essays on the symbolic representation, design and use of past environments**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- COSGROVE, D. A Geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- DANTAS, M. E. **Educação-fotografia: impressões e sentidos**. Caicó: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1999. Disponível em <<http://www.anped.org.br/0209t.htm>>. Acesso: 08 de outubro 2012.
- DARDEL, E. **L'homme et la terre: nute de la réalité géographique**. Paris: Presse Universitaires de France, 1952.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- JAKOB, M. **L'émergence du paysage**. Paris: Infolio Éditions, 2004. (Collection Archigraphy Paysages),
- LACOSTE, Y. Paysages en action. **Hérodote** – Paysages en Action. n. 44, jan-fev 1987.
- LAURENCE, L. Le paysage et le regard du géographe, de la recherché à l'enseignement. In: ROUX, A. L. (Coord.). **Enseigner le paysage? Ecole élémentaire, collège, lycée**. [S.l.]: IUFM, 2001, p. 27-37.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 1. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Tradução de Donald N. Smith. New Jersey: Blackwell Publishing 1991.
- LEOTTA, N. **Approcci visuali di Turismo urbano**. Milano, Hoepli, 2005.
- LOWENTHAL, D. Le temps du passé, le lieu du présent : paysage et mémoire. In: LOWENTHAL, D. (Org.). **Passage du temps sur le paysage**. Paris: Infolio, 2008. (Collection Archigraphy Témoignages).
- LUSSAULT, M. **L'Homme Spatial**. Paris: Seuil, 2007.
- MADERUELO, J. (Dir.). **Paisaje y Pensamiento**. Fundación Beulas. Madrid: CDAN; Abada Editores, S.L., 2006.
- MADERUELO, J. (Dir.). **Paisaje y Pensamiento**. Fundación Beulas. Madrid: CDAN; Abada Editores, S.L., 2008.
- MENESES, U. T. B. A paisagem como fator cultural. In: YÁZIGI, E. (Org). **Turismo e paisagem**. São Paulo, Contexto, 2002.
- MÉO, G.; BULEÓN, P. **L'Espace Social**. Paris: Armand Colin, 2007.
- MORIN, E. **O método 1**. A natureza da natureza. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2003.

NOGUÉ, J.; SALA, P. **Prototipo de Catálogo de Paisaje**. Bases conceptuales, metodológicas y procedimentales para la elaboración de los Catálogos de Paisaje de Cataluña. Olot y Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña, 2006.

NOGUÉ, J. (Ed.). **El paisaje en la cultura contemporánea**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, S.L., 2008.

PANITZ, L. M. **Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina**, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PESAVENTO, S. J. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.8, n.16, 1995.

PIMENTEL, M. R. **Cataratas do Iguaçu: experiências e registros de uma paisagem turística**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

PISÓN, E. M. Los componentes geográficos del paisaje. In: MADERUELO, J. (Org.) **Paisaje y pensamiento**. Madri: Abada Editores, 2006.

RAFFESTIN, C. **Dalla nostalgia del territorio al Desiderio di paesaggio** – elementi per una teoria del paesaggio. Firenze: Alinea Editrice, 2005.

RICOEUR, P. Arquitetura e narratividade. **Urbanisme**, n.303, p.44-51, nov./dez. 1998.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SIMMEL, G. A Filosofia da paisagem. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. **Política e trabalho**, n.12, setembro, 1996.

VERDUM, R. *et al.* **Paisagens: leituras, significados e transformações**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.